

POR RICARDO JACOMASSI,

ECONOMISTA-CHEFE DA HEGEMONY PROJEÇÕES ECONÔMICAS  
✉: RICARDO.JACOMASSI@HEGEMONY.COM.BR

## O MODELO ECONÔMICO BRASILEIRO SE ESGOTOU?

O pífio resultado do Produto Interno Bruto (PIB) nacional – de 0,2%, registrado no primeiro trimestre de 2012 – evidenciou que o modelo de crescimento brasileiro não tem o mesmo vigor e dinâmica de anos atrás. Será que atingimos o esgotamento?

Com alicerces no consumo e no crédito, o modelo de crescimento brasileiro apoiou-se no intenso estímulo para que as famílias consumissem mais, através do aumento e da transferência de renda (caso dos programas sociais do governo, como a bolsa família).

Acontece que essa inclusão no consumo – movimento que delineou a chamada “nova classe C” – trouxe dinamismo para a economia brasileira desde o início da década. O brasileiro, portanto, estava experimentando a oportunidade de consumir os primeiros eletrodomésticos e o primeiro automóvel e de usufruir o primeiro cartão de crédito. Tais elementos fizeram o PIB ter o melhor crescimento médio após os anos 1960-1970.

Como em todos os modelos econômicos que não passaram por ajustes, após o ciclo principal de expansão os primeiros sinais de esgotamento já começaram a aparecer. Tomando como base o primeiro e o segundo trimestres de 2012, pode-se afirmar que o Brasil está experimentando a fase do declínio do modelo.

O endividamento das famílias talvez seja o principal indutor de desequilíbrio. Após os benefícios da redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e das facilidades de crédito para a compra de veículos, as famílias assumiram compromissos próximos ao limite de suas rendas. Sem condições de se comprometer com novas aquisições, as pessoas não tomaram mais crédito, e a verdade é que o consumo não correspondeu ao esperado.

O ambiente internacional também continua atuando como empecilho à recuperação econômica do Brasil, contribuindo para o que estamos vivenciando atualmente em nosso crescimento. Queda da produção industrial na China, desconfiança generalizada no sistema bancário nos países da zona do euro e pressões protecionistas da Argentina, por exemplo, acentuaram a ineficácia das medidas monetárias e fiscais que o Ministério da Fazenda lançou para estimular o consumo e alavancar a economia.

Surge, então, a pergunta: qual seria o nosso modelo econômico ótimo? De fato, não existe modelo perfeito. Quando, no entanto, se assumem os pressupostos do modelo, é necessário criar condições de avaliar sua dinâmica para identificar os desequilíbrios e, naturalmente, promover os ajustes necessários.

Valem, portanto, reflexões sobre o modelo atual, pois, para satisfazer o consumo das famílias nos últimos anos, o País teve de importar grandes quantidades de produtos industriais. Quem não aproveitou foi a produção local – ou seja, a indústria nacional.

O Brasil tem a oportunidade de rever seu modelo sem grandes traumas, uma vez que seu grau de liberdade e tempo são maiores em comparação à realidade de outros países, como a Argentina e a Grécia, somente para citar alguns. Será necessária, entretanto, uma boa dose de ousadia e engajamento do poder público para realizar as reformas estruturantes, capazes de promover a competitividade da economia como um todo. ■

